

Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física

Osmar Moreira de Souza Júnior
Suraya Cristina Darido

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo SP

²Departamento de Educação Física - Universidade Estadual Paulista Rio Claro SP

Resumo: Partindo-se da premissa de que os professores de Educação Física, de uma maneira geral apresentam inúmeras dificuldades em trabalhar com turmas mistas, o objetivo do presente estudo é analisar a interferência que a cultura escolar exerce sobre o desenvolvimento de propostas co-educativas na Educação Física escolar. O estudo foi desenvolvido através da implementação de um programa de futebol em uma turma mista de 8.^a série do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Pública Estadual. A cultura escolar manifestou-se sobre vários aspectos no decorrer do programa, valendo destacar a falta de compromisso dos alunos com as atividades propostas nas aulas e aquilo que classificamos como a “cultura do fazer nada”. O primeiro grande desafio do professor é buscar um equilíbrio entre a aula desejada pelos alunos e a aula por ele planejada. O caminho para a transformação passa por negociações entre professor e alunos que dependem de uma aproximação do professor e conhecimento dos alunos e da cultura escolar vigente, para que se possa posteriormente planejar e efetivar as desejadas mudanças.

Palavras-chave: Educação Física, co-educação, cultura, escolar.

School cultural influences in development of co-education proposal in physical education classes

Abstract: Based on the fact that physical education teachers in general find it very difficult to work with mixed-sex classes, the study's aim is to analyze the possibility of interference by school culture on the development of co-educational programs in physical education. The study was developed through the implementation of a football program in a mixed-sex, 8th grade class in a public school. School culture manifests itself through many aspects of program development. We concentrated on students' lack of participation in the activities proposed during the lessons and what we classified as a “culture of doing nothing”. The first big challenge to the teacher is to find a balance between the lessons the students desire and the one planned. The way to transformation is through negotiation between teacher and students, who rely on the teacher's approach to and knowledge of the students, and of current school culture in order to enable changes in future plans.

Key Words: Physical Education, co-education, culture, school.

Introdução

Um dos grandes desafios enfrentados pelos professores de Educação Física em sua prática docente, refere-se à adoção de uma postura adequada para o trabalho com turmas mistas. Apesar de muitas vezes esta ser a forma de composição das turmas para as aulas de Educação Física, até por conta de legislações, muitos docentes optam por não unir meninos e meninas durante as atividades e, por vezes, diferenciam as atividades de acordo com o gênero.

Em estudo recente (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002), confirmamos tais asserções por meio de um questionário respondido por alunas de 7.^a série do Ensino Fundamental de escolas da rede pública Estadual do município de Rio Claro -

SP. Os dados deste estudo indicam que as aulas de Educação Física, em sua maioria, são mistas apenas “no papel” (apenas por mera formalidade), contudo meninos e meninas costumam ser separados ao chegar à quadra, tendo atividades distintas em espaços distintos ou dividindo o tempo e o espaço de aula. Estes procedimentos refletem as dificuldades encontradas pelos professores para o trabalho com a co-educação.

Darido (1999) constatou esta dificuldade que os docentes possuem no encaminhamento de propostas co-educativas, a partir da observação da prática de professores de Educação Física, concluindo que a formação de uma auto-imagem positiva por parte das garotas em atividades motoras, quando as aulas são mistas, precisa ser reforçada. A autora adverte

que não se trata de valorizar o rendimento, mas de reconhecer que nem sempre somente o fato das aulas serem mistas reforça a formação de uma auto-imagem positiva das meninas e, ainda, situações de fracasso vivenciadas pelas meninas podem acentuar uma relação de dominação generificada.

Costa, Silva et al. (2000) afirmam que as aulas de Educação Física reproduzem uma cultura sexista, de acordo com os estudos de gênero, sendo que a escola trabalha com o modelo masculino, contribuindo desta forma para a neutralização das meninas, reafirmando a redistribuição das diferenças, porque impede a re-criação por parte do sexo feminino. Apesar de atuarem como “figurantes”, as meninas aceitam participar das atividades “masculinas” enquanto que os meninos têm forte resistência em envolver-se naquelas atividades “eleitas” como femininas.

Costa, Silva et al. (2000) concluem que, a escola mista não assegura a superação do sexismo e o avanço da subjetividade feminina, como tampouco contribui para a reflexão da subjetividade masculina.

Daolio (1995b) ilustra tais conclusões, com um exemplo de sua prática docente, onde durante uma partida de voleibol mista uma menina se auto-critica: “*Por que eu sou uma anta?*”, ao errar uma bola fácil. O autor acredita que, por trás desta frase esconde-se o descontentamento das meninas pela inferioridade motora em comparação aos meninos.

Neste momento, em sua condição de docente, Daolio interrompeu a aula e passou a refletir com os alunos o fato ocorrido e a relação deste com a história de vida de meninos e meninas. Porém, devemos reconhecer, tal procedimento não corresponde à regra de conduta que os professores adotam diante de situações similares em suas aulas.

Desta maneira, ao deixar passar tais situações assumindo-as como “naturais” (no sentido de culturais), estas turmas mistas podem, na verdade, estar contribuindo para reforçar a cultura sexista já existente.

Abreu (1995) admite que, apesar das turmas separadas não viabilizarem o aparecimento dos conflitos e diferenças entre os sexos, camuflando tais discussões em virtude da falta de vivência prática; não há como garantir que turmas mistas irão favorecer os questionamentos sobre os conflitos, pois, isso irá depender da ação pedagógica que o docente terá.

Objetivo

O presente estudo teve como foco analisar a interferência que a cultura escolar exerce sobre o desenvolvimento de propostas co-educativas nas aulas de Educação Física,

buscando interpretar as maneiras pelas quais esta cultura influencia a prática docente e as relações de gênero de acordo com a circunstância.

A construção cultural dos corpos

Retomando o episódio tirado de Daolio (1995b) no início deste estudo, faz-se necessário discutir as circunstâncias que levam as meninas a sentirem-se “antas”, pois, de acordo com o autor, as meninas não se sentem “antas” apenas nas aulas de Educação Física, mas também quando realizam atividades físicas nas suas horas de lazer, especialmente aquelas que exigem força, velocidade e destreza.

Daolio (1995b, p. 100) considera, apoiado em Marcel Mauss, que:

[...] há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade.[...] Assim, há uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um conjunto de gestos típicos de uma determinada sociedade.

Nesse sentido pode-se afirmar que o corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino. Resultando em uma diferenciação motora entre meninos e meninas que, se constrói culturalmente e, portanto, não ocorre de maneira natural, e nem é determinada exclusivamente pelos componentes biológicos.

Desde o nascimento e durante todo o período de desenvolvimento pairam em torno do ser humano, expectativas de que o mesmo cumpra certos papéis e assumam determinadas posturas, havendo assim uma espécie de “plano de vida” a ser cumprido por esta pessoa.

Daolio (1995b) sustenta que, esses hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo, tornando um sexo mais hábil do que o outro em termos motores. Sendo que, no caso brasileiro, os meninos tornam-se mais habilidosos e as meninas, “antas”.

Essa construção cultural dos corpos masculinos e femininos não pode ser analisada como algo estanque no tempo e lugar, deve-se considerar os componentes social e histórico, pois, assim como cada grupo social constrói a sua imagem de masculino e feminino, essa imagem pode sofrer alterações de uma geração para outra.

Cultura escolar

Daolio (1995a) afirma que todo e qualquer homem será sempre influenciado pelos costumes de lugares particulares, não existindo um homem sem cultura. O autor complementa, afirmando ainda que a cultura torna-se necessária para a

regulagem do comportamento público do homem. Leia-se o homem e a mulher.

É a perspectiva de cultura como um mecanismo de controle, segundo o autor, ou como sistemas organizados de símbolos significantes, que permite afirmar que o comportamento humano possui uma dimensão pública e “que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade” (GEERTZ, 1989, p. 57). No caso deste estudo é o espaço escolar e, mais especificamente, o espaço da aula de Educação Física.

Moraes (2002) admite que as condutas humanas, muitas vezes, estão condicionadas por padrões e normas criadas e sustentadas pela coletividade, as quais não estão baseadas na individualidade dos sujeitos. Sendo que a educação poderia agir no sentido de conformação padronizada ou de reflexão e emancipação dos indivíduos.

Segundo Forquin (1993) é incontestável que exista uma relação entre educação e cultura, tanto quando se contempla a educação como a formação e socialização do indivíduo nas diversas instâncias sociais, quanto no momento em que esta fica restrita ao domínio escolar.

Forquin (1993) admite ainda que a educação se apropria de alguns elementos da cultura para formar a sua própria cultura. Deste modo, diferentes escolas podem fazer diferentes tipos de seleção no interior da cultura, mas todos os professores e todas as escolas fazem seleções de um tipo ou de outro no interior da cultura.

Partindo-se do mesmo pressuposto, Pérez Gómez (2001) reporta-se à cultura escolar ressaltando que a escola, como qualquer outra instituição social, desenvolve e reproduz sua própria cultura específica, ou seja, um conjunto de significados e comportamentos que a escola gera como instituição social. Fazem parte desse conjunto as tradições, os costumes, as rotinas e as inércias que a escola estimula e se esforça em conservar e reproduzir. Segundo o autor, os/as docentes e os/as estudantes, mesmo vivendo em contradições, acabam reproduzindo as rotinas que geram a cultura da escola, e é necessário entender a escola como um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados.

Viñao-Frago (1996) entende como cultura escolar um conjunto de aspectos institucionalizados, quais sejam as práticas e condutas, modos de vida, hábitos e rituais, a história cotidiana do saber escolar, objetos materiais, distribuição dos espaços, materialidade física, simbologia, modos de pensar, assim como significados e idéias compartilhadas. Afirma que a cultura escolar é toda a vida

Motriz, Rio Claro, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003

escolar: fatos e idéias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, decidir e fazer.

Podemos acrescentar ainda que a cultura escolar poderia ser analisada de forma compartimentada, sendo que encontraríamos diversas instâncias da cultura escolar, distribuídas nos mais variados espaços e situações do contexto escolar com suas características e particularidades. Assim poderíamos vislumbrar a cultura do recreio escolar, a cultura da aula de matemática, a cultura do sinal batido entre as aulas, a cultura das aulas vagas, a cultura da chegada e da saída da escola e entre tantas outras nuances da cultura escolar de um modo geral, a cultura das aulas de Educação Física, que aqui pretendemos analisar.

Metodologia

Este estudo faz parte da Dissertação de Mestrado – *Co-educação, futebol e Educação Física escolar* - defendida em janeiro de 2003, no programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade da Unesp de Rio Claro.

Como já foi ressaltado, o pano de fundo para o presente estudo situa-se na prática do futebol em turmas mistas, na Educação Física escolar. Assim, o mesmo realizou-se a partir da implementação de um programa de futebol para uma turma de 8.^a série de uma escola da rede pública do Estado de São Paulo, do município de Rio Claro. A aplicação deste programa – cujas aulas foram ministradas pelo próprio professor/pesquisador, no primeiro semestre do ano de 2002 - teve por finalidade proporcionar ao pesquisador uma vivência das dificuldades e das facilidades inerentes a uma proposta co-educativa. Além de vivenciar a experiência da co-educação sob a ótica docente, o estudo permitiu uma análise das relações de gênero que permeiam este contexto.

Deste modo, o estudo combinou alguns aspectos de duas modalidades da pesquisa qualitativa, ou seja, a *pesquisa-ação*, na qual o pesquisador promove uma intervenção em seu objeto de estudo, tendo como um dos objetivos obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentando o conhecimento sobre determinadas situações (THIOLLENT, 1985) e a *etnografia* que busca conhecer e descrever, através da imersão, uma determinada cultura. De acordo com André (1995), a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade, tendo o significado etimológico de “descrição cultural”. A autora sugere uma adaptação da etnografia, que se interessa em descrever a cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, à educação.

Na investigação, foi utilizado um diário de campo¹ para a análise descritiva de comportamentos e atitudes a partir da observação das relações interpessoais entre alunos e alunas nas aulas de Educação Física. Foram feitas também discussões em grupos e uma entrevista aberta final com 9 alunos (três meninos e três meninas participantes das aulas e duas meninas e um menino não participante) para contemplar as opiniões de meninos e meninas com relação às aulas mistas e outras questões relativas ao relacionamento generalizado. A entrevista, bem como algumas aulas e discussões foram filmadas para facilitar a análise.

Resultados e discussão

Conhecendo a cultura das aulas de Educação Física

O traço marcante da cultura das aulas de Educação Física da turma estudada situa-se na forma de divisão do tempo da aula para a utilização da quadra. O professor adotava a prática de determinar que as meninas jogassem futebol na quadra durante metade da aula e os meninos na metade restante. Durante o período no qual um dos grupos estava fora da quadra os alunos e alunas ficavam livres para jogar vôlei, fazer qualquer outra atividade ou simplesmente não fazer nada e durante o período em que jogavam futebol o professor deixava que eles se organizassem e jogassem livremente sem fazer intervenções.

A implementação de um programa de futebol elaborado sem considerar a cultura escolar vigente apresentou-se como a primeira grande dificuldade para o desenvolvimento do presente estudo. O programa acabou sendo paulatinamente deixado de lado, em virtude da dificuldade de aceitação por parte dos alunos de atividades que fugissem à sua rotina – cultura – de ter na aula de Educação Física o momento para se jogar futebol – ou de não se fazer nada, no caso de alguns, o máximo de tempo possível. Após haver feito algumas concessões na tentativa de encontrar um equilíbrio entre aula planejada – professor – e aula desejada – alunos -, decidi² que seria mais significativo assegurar um bom relacionamento com a turma em detrimento do cumprimento de um programa, pois assumi que a análise iria recair sobre as relações de gênero e as dificuldades/facilidades encontradas pelo professor em aulas de Educação Física co-educativas e não nas mudanças ou resultados provocados pela implementação de um programa.

¹ As referências às anotações no Diário de Campo estão indicadas no texto, seguidas pelas datas das observações.

² A narração dos resultados em primeira pessoa justifica-se pela condição de professor-pesquisador.

Meu primeiro contato com a turma ocorreu em 19/02/2002, quando da realização da primeira aula de Educação Física do ano letivo. Ao chegar à quadra, alguns alunos e alunas já pegaram a bola e começaram a chutá-la, enquanto outros sentaram-se nos dois degraus de arquibancada ao lado da quadra. Uma das alunas disse em voz alta: “Vamos dividir os times!”, e em seguida o professor pediu as bolas – uma de vôlei e outra de futebol – e começou a chamar os alunos e alunas para reunirem-se na “mini-arquibancada”. Quando quase todos estavam reunidos, ele me apresentou, dizendo que eu iria dar aulas para a turma junto com ele, e faria um trabalho diferenciado [...]

Em seguida, sentei-me também na “mini-arquibancada”, e passei a observar o andamento da aula. O professor, estipulou então que a quadra de futsal seria das meninas na primeira metade da aula e dos meninos na metade final.

Existia também, um terceiro grupo de alunos, além do masculino e do feminino, que era formado por várias meninas e alguns meninos que não participavam da aula e ficavam sentados distantes conversando. (DIÁRIO DE CAMPO, 19/02/2002)

Pareceu-me claro, desde este primeiro contato que eu teria muitas dificuldades para desenvolver o programa planejado, pois, estaria interferindo na cultura daquelas aulas de Educação Física mudando radicalmente sua estrutura. Havia ali algumas rotinas, costumes, tradições e inércias, como descreve PÉREZ GÓMEZ (2001), sustentadas pelo professor e seus alunos e alunas que formavam e reproduziam uma já cristalizada cultura, permeada por tensões, aberturas, contrastes e restrições de várias culturas que se cruzavam. Este cruzamento de culturas, ao mesmo tempo em que solidifica uma cultura escolar, onde de alguma maneira todos passam a “obedecer certas regras”, provoca aberturas para a transformação cultural, na medida em que diferentes culturas trazem consigo diferentes modos de agir e de pensar, provocando conflitos que podem ser propícios para a reflexão, revisão e reestruturação da cultura vigente.

Porém, acredito que este processo de reestruturação pode demandar um período indefinido de tempo e, como já foi dito anteriormente, não sendo o objetivo do estudo provar a eficácia do programa, assumi que a análise da cultura vigente traria contribuições mais significativas em vista dos objetivos traçados.

O próprio professor da turma, alertou-me para as dificuldades que eu poderia enfrentar caso optasse pela tentativa de transformação da cultura das aulas de Educação Física. Ele advertiu-me das tentativas de mudanças radicais nas aulas, que ocorreram em anos anteriores com estagiários

da Unesp, nas quais os alunos e alunas ofereceram muitas resistências.

“Os estagiários vinham aqui, faziam um monte de coisa diferente, mas não deixavam eles jogarem. Ai eles ficavam doidos. Tem que saber levar, você dá um pouquinho de fundamento e deixa eles jogarem uma parte da aula, senão eles não aceitam.” (Professor titular da turma pesquisada)

Receando, a possibilidade de estar batendo de frente com a cultura dos alunos e alunas, prejudicando a análise do contexto, optei por, já de início, fazer algumas concessões. Decidi que, ao invés de dirigir toda a aula com base no programa, eu ocuparia apenas a primeira metade das aulas, condensando o conteúdo planejado inicialmente e deixaria a segunda metade livre para que meninos e meninas jogassem futebol livremente como costumavam fazer (DIÁRIO DE CAMPO, 19/02/2002).

Apesar do acordo estabelecido com os alunos e alunas de dividir a aula em duas partes, sendo a primeira para que eu desenvolvesse minhas propostas e a segunda para eles jogarem livremente, me senti pressionado por eles o tempo todo e, cheguei um momento no qual decidi – por sugestão do professor Jocimar Daolio, feita no exame de qualificação do trabalho - mudar a estratégia assumindo o comando durante toda a aula.

Em 20/03/2002 propus aos alunos e às alunas que as aulas deveriam, a partir daquela data, ser o tempo todo dirigidas. Houve discordância por parte de alguns alunos – todos meninos – que disseram preferir a aula livre e a proposta foi posta em votação. Como a maior parte dos alunos optou pelas aulas dirigidas, a partir de então procurei intervir durante o período todo das aulas.

Estes resultados indicam, que apesar da “cultura do fazer nada”, predominante naquele contexto, os alunos demonstram uma certa carência com relação a alguma figura ou mecanismo de controle, que estabeleça uma ordem, regras, enfim, de algo que possa trazer uma nova dinâmica para a desgastada rotina de chegar à quadra, dividir os times, dividir o horário, jogar e voltar para a sala.

Ficou clara, então, a possibilidade de mudanças na cultura das aulas de Educação Física em particular e da cultura escolar em geral. Pois, apesar de encontrar resistência para a implementação do programa, a maioria mostrou-se aberta à transformação. Não podemos esperar que as mudanças ocorram sem tensões ou traumas, porém, devemos assumir que as aberturas para “a novidade” refletem a carência de transformar algo que nem sempre é agradável.

Motriz, Rio Claro, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003

Moraes (2002) descreve um episódio ocorrido em uma escola pública de São Paulo que fez parte de seu estudo, que demonstra até que extremo as tensões causadas pelas mudanças na cultura escolar, especificamente das aulas de Educação Física podem chegar.

Pude perceber que os alunos, em sua maioria, têm uma relação conflituosa com a escola. [...] Aliás, há um tempo atrás, o professor de Educação Física saiu da escola escoltado por policiais devido à ameaça dos alunos. Fui informada por professores de outra escola e também pela própria coordenadora da escola, que esse professor começou a impor outros tipos de atividades em aula que não fossem o futebol (MORAES, 2002, p. 88).

Souza e Vago (1999) admitem que a Educação Física deva participar da cultura escolar como um tempo e espaço de conhecer, de provar, de criar e recriar as práticas corporais produzidas pelos seres humanos ao longo de sua história cultural, constituindo-se em um espaço para se produzir cultura, sendo os professores e alunos os sujeitos desta produção.

Educação Física no período das demais disciplinas: prós e contras

Como nas demais escolas da Rede Pública do Estado de São Paulo, as aulas de Educação Física da escola pesquisada ocorriam no próprio período de aulas, ficando dispostas entre as aulas das demais disciplinas na grade de horário escolar. Se, por um lado este fator favorecia a presença maciça dos alunos, pelo fato dos mesmos já se encontrarem na escola não precisando retornar em outro período, por outro lado, trazia o inconveniente destes alunos freqüentarem as aulas de Educação Física vestidos inadequadamente, devido à proibição do uso de shorts e bermudas muito curtas em salas de aula e da não disponibilidade de infra-estrutura, como vestiários, para que eles possam trocar de roupa para as aulas e tomar banho para voltar à sala após a Educação Física.

Um aspecto que me chamou bastante a atenção no primeiro contato com os alunos foi a falta de vestimenta apropriada para uma aula de Educação Física. Quase todos os alunos vestiam calças compridas (em sua maioria jeans), sendo que algumas meninas ainda estavam de saias. Quanto aos calçados, os tênis eram usados pela minoria enquanto que a maioria jogava descalça, sendo que algumas meninas usavam sandálias ou chinelos. Dentre as que não participavam da aula, viam-se tamancos, chinelos e sapatos de salto. O professor explicou-me que muitos dos alunos jogavam descalços, por ser aquele calçado que vinham à aula o mesmo que usavam para sair, quando não era o único que tinham. Mesmo assim, pedi ao professor para que conversássemos com a turma ao final da aula sobre a

importância de se utilizar uma vestimenta adequada (DIÁRIO DE CAMPO, 19/02/2002)

A falta de vestimenta adequada pode causar desde desconforto até assaduras, bolhas e lesões mais graves que podem levar o aluno ao desinteresse e à recusa quanto à participação nas aulas de Educação Física. A orientação quanto à importância de se vestir adequadamente para as aulas de Educação Física poderia contribuir para a mudança neste quadro, pois, apesar do baixo poder aquisitivo da grande maioria dos alunos, muitos não usam tênis, e bermudas ou shorts, por fatores culturais e ligados às razões estéticas, além dos aspectos estruturais e burocráticos da escola.

A conversa realizada na aula anterior parece ter surtido algum resultado, pois nesta aula (20/02/2002) o número de “descalços” era bem pequeno. Porém, a aula anterior debaixo de forte sol deixou algumas seqüelas. Alguns alunos tiveram que abandonar o jogo antes do seu final, devido às bolhas nos pés. Quanto à recomendação para o uso de shorts, bermudas ou calças de materiais mais leves e elásticos, o resultado não foi tão animador. Uma menina que arriscou-se a trazer uma bermuda, ficou constrangida em usá-la por ter sido a única, e preferiu ficar de calça. As demais alegaram que não era permitido vir à escola de bermuda curta ou shorts e que era complicado ter que ficar se trocando antes e depois da aula de Educação Física em um banheiro pequeno. Já alguns meninos, estão acostumados a usar bermudões à altura dos joelhos (DIÁRIO DE CAMPO, 20/02/2002).

Moraes (2002) descreve o mesmo problema enfrentado nas duas escolas que esteve pesquisando em São Paulo, apontando a importância do trabalho conjunto de professores, direção e coordenação para o encaminhamento de soluções práticas.

[...] Segundo relato da mesma professora, no início do trabalho nessa instituição, a relação professor/aluno foi tensa, pois sentiu uma certa resistência principalmente dos alunos da 8.ª série, pois “eles pensam que mandam na escola”. Aos poucos ela foi impondo obrigatoriedade quanto ao uso de uniformes porque as alunas participavam das aulas com calça jeans, salto alto e mini-blusa. Ela ressalta que conseguiu estas mudanças com o apoio da coordenação. Ela afirma que para exigir uniforme dos jovens, precisou dar condições para eles adquirindo tênis e calça de agasalho para os alunos mais carentes (MORAES, 2002, p. 152).

De acordo com a concepção de um dos professores, pesquisado por Moraes (2002), as aulas de Educação Física não deveriam ocorrer no horário escolar, porque os alunos

vão arrumados, com sapatos, e não querem suar. Dessa forma, segundo ele, o professor não pode obrigar o alunos a participarem das aulas porque a escola não dispõe de vestiário nem ducha.

O grande problema desta colocação e acreditamos não ser apenas a visão particular deste, mas de muitos outros professores, localiza-se na palavra “obrigar”. Se o professor precisa obrigar seu aluno a fazer a aula, a simples troca de horário passando a Educação Física para o período invertido das demais aulas, provavelmente, iria motivar uma grande evasão de alunos por faltas e por pedidos de dispensas. A Educação Física dentro da grade de horário das demais disciplinas, facilita a identificação desta disciplina como um componente curricular, ao passo que a mudança de horário traz consigo inerente um tratamento de atividade extra-curricular.

Darido, Galvão, Ferreira e Fiorin (1999) corroboram estas afirmações, ao destacar a importância das aulas de Educação Física no mesmo período das demais disciplinas com relação à democratização do acesso dos alunos às aulas, diminuindo o número de alunos faltosos e dispensados, além da possibilidade de integração da Educação Física à proposta pedagógica da escola, como propõe a LDB/96.

Há de se garantir, na verdade, condições para que o professor possa desenvolver suas aulas com a mesma prioridade que se dá às demais disciplinas. Para as aulas destas disciplinas não é necessário que o aluno traga livros/apostilas, lápis, canetas, borracha, apontador, lápis de cor, régua, compasso, transferidor e tantos outros materiais didáticos? Pois então, para as aulas de Educação Física dever-se-ia considerar o uniforme como o material didático que, na medida do possível, a escola poderia de alguma forma prestar auxílio aos alunos mais carentes assim como o faz com o restante do material didático. A possibilidade de se incorporar este uniforme ao cotidiano escolar, procurando adequá-lo à realidade e às normas escolares, poderia ser uma solução paliativa com relação à falta de infra-estrutura que possibilite aos alunos tomarem banho e trocarem-se na própria escola. Entretanto, estas medidas só se tornarão eficazes e práticas através de um trabalho conjunto de Estado, direção, coordenação, professores e alunos.

O descompromisso dos alunos e a “cultura do fazer nada”

Apesar de trabalhar com o esporte mais praticado na escola e com uma boa adesão por parte dos alunos, a cultura dos alunos da escola pesquisada, especificamente nas aulas de

Educação Física era pautada na regra do “faz quem quer, quando quer e da maneira que quer” que refletia na atitude que classificamos como “cultura do fazer nada”.

Na aula de 27/03/02 após havermos discutido a falta de confiança dos meninos em passar a bola para as meninas nos jogos de futebol, foi realizada uma brincadeira de pega-pega e exercícios de alongamento como aquecimento antes dos jogos de futebol. Adverti a todos que, quem não participasse do aquecimento não poderia jogar futebol e, isto fez com que alguns alunos que não estavam fazendo o alongamento se juntassem ao grupo que estava aquecendo. Porém, outros 3 alunos que costumavam participar das aulas continuaram sentados, negando-se a participar. Após o aquecimento, durante a divisão das equipes, um menino que não havia feito o alongamento foi escolhido, e já ia se dirigindo à sua equipe, quando eu intervi dizendo que ele não iria jogar por não ter feito os exercícios. Ele sentou-se e não contestou minha decisão.

Em outro jogo, uma menina que não havia feito alongamento pediu-me para jogar, alegando que até faria os exercícios, como já havia feito em outra aula, mas só não fez por não gostar de ser obrigada a fazer nada. Com isso, expliquei-lhe as razões de criar certas regras e ela se propôs a fazer o aquecimento nas aulas seguintes. Com este acordo, permiti que ela jogasse nesta aula, gerando o protesto de algumas meninas (DIÁRIO DE CAMPO, 27/03/2002).

Na realidade, o objetivo desta estratégia de se condicionar a participação no jogo à vivência das demais atividades do programa, seria mostrar aos alunos a necessidade de organização, e de se assumir e cumprir compromissos. Pois, esta era uma das grandes dificuldades que eu encontrava para a implementação do programa planejado.

Em todo início de aula perdia-se muito tempo para juntar os alunos e explicar a atividade a ser desenvolvida e sempre se conseguia juntar apenas parte da turma, pois, muitos negavam-se a participar e outros ficavam dispersos pela escola, chegando à quadra com muito atraso, ou deixando o material na quadra e descendo para o pátio alegando ter de resolver algum problema.

A falta de organização era um dos maiores obstáculos à implementação de propostas inovadoras, que permeava a cultura das aulas de Educação Física da escola pesquisada. Os alunos não tinham parâmetros para se orientar e se organizar, dentro daquela cultura, cada um fazia a sua regra, tornando muito difícil o desenvolvimento de propostas em grupo.

No final da aula de 20/02/02, reuni a turma e solicitei que analisassem através da mídia (TV, rádio, jornais ou revistas) esportes que fossem praticados por homens, por mulheres e mistos, para que pudéssemos discutir o assunto na aula seguinte.

Na aula seguinte (26/02) poucos alunos participaram da discussão, sendo que a maioria era de meninas. Entretanto, ficou claro que a discussão baseou-se nas experiências anteriores dos alunos, parecendo-me, pelos depoimentos, que não houve preocupação em cumprir a tarefa proposta. Para se ter uma idéia, a discussão centrou-se basicamente no futebol, além de referir-se à corrida de São Silvestre, que já havia se passado a quase 2 meses. A discussão durou cerca de 15 minutos e foi filmada (DIÁRIO DE CAMPO, 26/02/2002).

Na aula de 10/04/02 dividi a turma em 3 grupos que deveriam criar jogos ou brincadeiras com bola para a próxima aula (16/04), como dever de casa. Senti que os grupos não se mostraram muito interessados e motivados com a tarefa. Como eu já havia previsto, ninguém preparou o dever proposto na aula anterior. Alguns diziam ter se esquecido, outros alegaram não ter tido tempo ou não conseguiram se reunir com o grupo e outros ainda assumiram que não queriam fazer a tarefa mesmo. Propus então que a tarefa fosse desenvolvida nos 15 minutos iniciais da aula. Porém, a desorganização e a pressão que quase todos exerciam de várias formas para jogar, fez-me mais uma vez abrir mão de uma atividade do programa (DIÁRIO DE CAMPO, 16/04/2002).

Em 24/04/02 iniciei a aula reunindo todos os alunos e propondo a realização de uma gincana ou olimpíada da classe, onde teríamos que contar com a participação do maior número possível de alunos. A turma, composta por 37 alunos, mas que na prática apenas entre 15 e 20 costumam participar, mostrou-se bastante motivada, sendo que 30 alunos propuseram-se a participar. Optei por formar 4 equipes com 8 componentes cada incluindo o meu nome e o do professor titular. As modalidades por mim sugeridas e aceitas pelos alunos foram: futebol, voleibol, handebol e pic-bandeira. Apesar da motivação inicial, observei que a desorganização seria um grande obstáculo para o desenvolvimento da competição. Já no início da Olimpíada (30/04/02) esta desorganização ficou nítida. A modalidade definida para iniciar os jogos, a pedido da maioria dos alunos, foi o futsal. Muitos alunos faltaram à aula, o que acabou prejudicando uma das equipes que ficou sem o número mínimo de 5 componentes para jogar futsal. Tentei em vão colocar em votação para o grupo se a equipe poderia ser completada e

como seria. O assunto não foi sequer discutido, sendo a equipe rapidamente completada por aqueles que se ofereceram, sem se preocupar com as conseqüências que tal situação poderia causar no prosseguimento da Olimpíada (DIÁRIO DE CAMPO, 24 e 30/04/2002).

Moraes (2002) também reporta em seu estudo, as dificuldades enfrentadas pelos professores com relação ao bloqueio por parte dos alunos à possibilidade de vivenciarem outras atividades da cultura corporal nas aulas de Educação Física, que não sejam o futebol.

A professora 1B relatou que as atividades sugeridas pelos alunos se restringem ao futebol: - “é outra coisa que eu não concordo. Eu, como profissional, não concordo em dar futebol. Eu acho que nós temos que entrar em todos os esportes, na parte de dança, na parte de primeiros socorros, higiene, orientação sexual. Eu acho que tudo isso envolve o professor de Educação Física” (MORAES, 2002, p. 151).

A autora relata ainda que estes professores advertem para a importância de se conquistar a confiança dos alunos para assegurar um bom relacionamento e um trabalho tranquilo. Segundo um desses professores, quando os alunos estão jogando futebol, eles já possuem algumas regras, e se o professor fizer intervenções, isso pode causar mais problemas que soluções. Como foi o caso do professor que precisou sair da escola escoltado por policiais.

Apesar do apoio da coordenação e direção um dos professores considerou que não podia impor normas e regras de comportamento, tendo em vista que os alunos de sua escola já sabiam do poder que possuíam de transgredir e manipular as regras, na medida em que foram, inclusive, responsáveis pela “expulsão” de um professor de Educação Física. Assim, de acordo com esse professor, para que um professor consiga trabalhar, é necessário primeiro um trabalho de aproximação, de investigação e conhecimento prévio dos alunos, para depois iniciar outro tipo de trabalho (MORAES, 2002).

O caminho para a implementação de novas propostas nas aulas de Educação Física, realmente deve passar inicialmente pela aproximação e o conhecimento dos alunos e da cultura escolar vigente, para que se possa planejar e efetivar transformações. Porém, há de se trabalhar no sentido de que estas mudanças, mesmo que em um ritmo lento, possam estar ocorrendo, pois conformar-se com a cultura escolar sentindo-se impotente frente as forças contrárias, irá apenas contribuir para a manutenção e perpetuação de uma cultura indesejada.

Considerações finais

A cultura escolar apresenta-se como elemento fundamental no desenvolvimento de qualquer proposta de Educação Física, seja ela partidária da co-educação ou da separação por sexo. O primeiro grande desafio do professor é buscar um equilíbrio entre a aula desejada pelos alunos e a aula por ele planejada. A simples imposição de cima para baixo de mudanças radicais em uma cultura já cristalizada pode provocar reações indesejadas, como ficou evidente no estudo de Moraes (2002) que descreve a expulsão por parte dos alunos, de um professor que procurou fazer mudanças radicais na cultura escolar vigente.

Não se deve esperar que os alunos aceitem de maneira passiva e unânime as mudanças – mesmo que sensíveis e graduais – na cultura vigente. O professor deve sempre estar pronto para a possibilidade de subir um degrau e cair dois na negociação e, assim, ter que repensar sua tática.

Alguns aspectos da cultura escolar estudada que nos chamaram a atenção foram: a atitude que classificamos de “cultura do fazer nada”, a falta de compromisso dos alunos com as atividades propostas e a inadequação das vestimentas para a prática da Educação Física.

A “cultura do fazer nada” manifestava-se através da constante “briga” entre professor e alunos para que estes se dispusessem a participar de atividades dirigidas. A falta de compromisso dos alunos com as atividades propostas, está diretamente ligada à “cultura do fazer nada” e remete aos mesmos obstáculos enfrentados. Em ambos os casos, são necessárias estratégias para aproximar-se, conhecer e conquistar a confiança dos alunos, possibilitando desta maneira o estabelecimento de acordos e a delimitação de papéis.

Para se assegurar o status e a importância das aulas de Educação Física é necessário lutar pela valorização da disciplina enquanto componente curricular, abandonando, assim, o tratamento que recebe de atividade extra-curricular. A disposição das aulas de Educação Física dentro da grade curricular e do mesmo período das demais disciplinas contribui para este reconhecimento, na medida em que impossibilita o aluno de ser dispensado das aulas, assegurando a democratização do acesso às aulas da disciplina.

Entretanto, faz-se necessário criar condições para que essa aula possa ser desenvolvida junto com as demais sem que traga prejuízos para uma ou para outra. Assim como o professor de Educação Física tem por hábito tratar a quadra

poli-esportiva como sua sala de aula, deveria-se exigir que o uniforme adequado para a aula fosse seu material didático.

A escola e o Estado devem na medida do possível, buscar soluções que possibilitem ao aluno carente ter acesso a este material. Não cabe aqui discutir políticas de auxílio à educação, mas é necessário que se reflita sobre algo que já se tornou cultural e precisa ser transformado.

Referências

- ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discente sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de Educação Física escolar. In: ROMERO, E. (Org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995, p.157-176.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. (Prática Pedagógica).
- COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. e AVILA, A. B. Relações de gênero no cotidiano das aulas de Educação Física de 5.^a a 8.^a Série do Ensino Fundamental. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 8., 2000, Lisboa. **Anais...** Lisboa: UTL, 2000. p.167-168.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995a.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. (Org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995b. p. 99 – 108.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras: Gráfica e Editora Topázio, 1999.
- DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v.5, n.2, p.138-145, dez. 1999.
- FORQUIN, J.C. **Escola e cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- MORAES, V. P. **O Lazer de jovens em escolas públicas da rede Estadual da cidade de São Paulo**. São Paulo: PUC, 2002. Originalmente apresentada como dissertação de *Motriz*, Rio Claro, v.9, n.3, p.143-151, set./dez. 2003
- mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- SOUSA, E. S.; VAGO, T. M. A Educação Física e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. In: CONGRESSO REGIONAL SUDESTE DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1, 1999, Campinas. **Anais...** Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1999. p.29.
- SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v.8, n.1, p.1-8, abr. 2002.
- VIÑAO-FRAGO, A. Por una história de la cultura escolar. In: CONGRESSO DE LA ASOCIACIÓN DE HISTÓRIA CONTEMPORÁNEA, 3., 1996, Valladolid. **Culturas y civilizaciones**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1996, p.167-183.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.

Endereço:

Osmar Moreira de Souza Júnior
Rua 15, 1454– Cidade Claret
Rio Claro SP
13503-090
e-mail: souzajr@claretianas.com.br

*Manuscrito recebido em 05 de agosto de 2003.
Manuscrito aceito em 27 de fevereiro de 2004.*